Lançando-se a skates e abismos: como abrir a antropologia para outras grafias

DOI

[http://dx.doi.org/10.11606/](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.132085)

2179-0892.ra.2017.132085

Plunging and skating into the abyss: how to open anthropology for novel ways of graphing

Daniela Feriani

📍 Unicamp | Campinas, SP, Brasil

✉ danielaferiani@yahoo.com.br

KOFES, Suely e MANICA, Daniela (orgs.). Vida e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro, Lamparina e FAPERJ, 2015; 412 páginas.

O que se perde na passagem de viver/ver para escrever? O livro *Vida e grafias* experimenta os desafios de uma proposta que abre a antropologia aos emaranhados, como experiência e narrativa, biografia e etnografia, de maneira a percorrer os fios que os compõem e sobrepõem.

Se, para Taussig (2011), o diário – como o caderno de campo, o relato de viagem ou o diário íntimo – é um tipo especial de narrativa, na qual há a transmissão direta da experiência para a página, usualmente de maneira apressada, abreviada, urgente, como fazer com que essa relação seja a mais fiel possível? Se cada palavra parece multiplicar a distância entre linguagem e mundo e a escrita, como “epítome da consciência”, acaba por obliterar a realidade sobre a qual quer falar, empurrando-a mais e mais para fora do alcance, como montar de tal forma que ambos – campo e escrita, vida e grafia – possam tensionar e revelar um ao outro? Se, para Deleuze (1992), o estilo de escrever também é um estilo de vida, numa composição entre estética e ética, o que somos capazes de ver e dizer?

Pois é na montagem entre ver e contar que tanto a etnografia quanto a biografia se fazem. É essa a relação que atravessa o livro. Ao sobreporem vidas e grafias, os autores mostram que o sujeito – tanto de uma vida quanto de uma grafia – é composto por um emaranhado de afetos, substâncias, instituições. Ao escolherem ver – e contar – as dobras, fendas, rasgaduras dessa textura, eles nos revelam a importância de revelar o acaso, o assombro, o inventivo no testemunhar de uma vida. É desse modo, ao ver mais, ver além, ver o invisível, que podemos diminuir a lacuna entre viver e escrever, experimentar e narrar.

Nessa abertura do visível, outras grafias emergem para desenhar o movi-

mento da vida que se quer contar. Se o prefácio traz o skate e suas manobras de risco, o posfácio nos convida a sentir o sopro de um abismo. Em ambos, as oscilações entre idas e vindas, altos e baixos, é o percurso do próprio livro – mas também da etnografia e da vida. Como uma onda que vem de maneira inesperada e traz à superfície resíduos do solo ou um sismógrafo que capta o que está submerso, o skate e o abismo nos fazem imaginar caminhos, pontes, a cavar para fazer emergir, a nos tornar hábeis e criativos para buscar improvisos, obstáculos. O skate – em “Skatografias – o caso do “pico”, de Pedro Peixoto Ferreira – e o abismo – em “Imagem, sopro de um abismo narrativo”, de Fabiana Bruno, como a narrativa e a imagem, nos expõem às rasuras dos contornos definidos. Os limites da grafia também podem nos revelar os limites da representação – e vice-versa.

Suely Kofes – em “Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser?” – mostra muito bem esses limites ao justapor uma discussão teórica sobre o conceito de experiência e duas maneiras distintas de usar a biografia na pesquisa antropológica através de narrativas de dois antropólogos – a de Clyde Kluckhohn sobre a vida do Navaho Mr. Moustache e a de Victor Crapanzano sobre o marroquino Tuhami. Se, no primeiro, a (auto)biografia convencional é o objeto da pesquisa, tomada como documento significativo de “um esquema cultural objetivado, exteriorizado” (:28), no segundo, a própria intenção biográfica se torna a narrativa etnográfica, desde a linguagem usada até mesmo a noção de realidade, criadas no encontro entre pesquisador e pesquisado.

Diversos são os usos de biografias e etnografias e as composições entre elas: a biografia na etnografia, a etnografia na biografia, a biografia como etnografia, a etnografia como biografia. Entre objeto, método, questão, o sobrepor aparentes antinomias – como indivíduo e sociedade, experiência e narrativa –, biografia e etnografia, vistas como sobreposições, têm muito a dizer uma à outra e podem ter o mesmo estatuto para a antropologia. “Um bom desafio”, segundo Suely Kofes, já que as narrativas (auto)biográficas ainda parecem sofrer alguma resistência enquanto objeto e campo antropológicos, sendo, muitas vezes, consideradas meros depoimentos orais ou documentos e não enquanto potencialidades que constituem experiências, sentidos, relações. Biografia e etnografia são “registros de alteridade” (:37), compartilhando angústias, desafios, recuos e avanços. Mais que se perguntar o que elas são, o livro nos convida a percorrer o que elas conectam e deslocam.

Em “Autobiografias, memoriais e a narrativa biográfica de um cientista”, Daniela Manica mostra como a trajetória do médico baiano Elsimar Coutinho, “polêmico defensor da inutilidade dos sangramentos mensais para as mulheres contemporâneas” (:41), revela processos, disputas e questões importantes para compreender a discussão e a produção de ciência e biotecnologia no contex-

to brasileiro, principalmente no que se refere à inserção da contracepção e às interações entre medicina, laboratórios farmacêuticos e meios de comunicação. Ao mesclar trechos de narrativas autobiográficas do médico e informações sobre instituições e pessoas com as quais ele conviveu, Manica reitera a potencialidade da abordagem biográfica como procedimento etnográfico ao permitir mapear um conjunto de relações em torno de um campo.

Stella Zagatto Paterniani – em “Histórias e narrativas envolvendo a ocupação Mauá” – mostra como uma trama de relações se constitui dentro e fora do espaço da ocupação, vista como uma coletividade na qual os sujeitos usam de estratégias narrativas e políticas tanto para se aproximarem quanto para se distanciarem. Tais estratégias – de unificação e diferenciação –, tomadas sempre *em relação a*, ou seja, assumidas circunstancialmente, revelam a heterogeneidade e a pluralidade tanto do coletivo Mauá quanto, de maneira mais ampla, do movimento de moradia.

Ao justapor diferentes narrativas biográficas sobre uma mesma pessoa, Maria Luisa Scaramella – em “Biografias judiciais: analisando laudos psiquiátricos de autos de processos penais” – revela tensões entre formas de narrar que atendem a intencionalidades específicas. A autora percorre a trajetória de Maura Lopes Cançado a partir da autobiografia, em *Hospício é Deus*, e dos laudos psiquiátricos anexados ao processo penal quando foi acusada de assassinar uma companheira do hospital onde estava internada. Fugindo de dicotomias como literário e científico, verdadeiro e falso, Scaramella mostra como a sobreposição das narrativas vai desenhando o percurso de Cançado, num movimento constante de (re)interpretações de sua vida. Se a autobiografia deixa os fios soltos, inconclusivos, os laudos psiquiátricos precisam costurá-los para chegar a um resultado – culpado ou inocente.

Mostrar como a autobiografia produz heróis e mitos e apreender etnograficamente os alcances e limites dessa construção é o percurso traçado por Adriana Dias – em “Messianismo no neonazismo estadunidense: a autobiografia de David Lane”. Ao perceber a centralidade dada, pelos seguidores, à autobiografia do líder nazista, Dias lançou-se a ela, mostrando como David Lane forjou-se como mito ao costurar símbolos religiosos e políticos à sua vida e obra, numa complexa relação entre narrativa, experiência e memória. Além da autobiografia de Lane, a autora também participou de shows, academias e bares frequentados pelos seguidores do líder nazista, pesquisou arquivos e processos judiciais sobre crimes de ódio, além de grande quantidade de *sites* e *blogs*.

Em “Por uma etnografia dos artistas populares: reflexões sobre *personas* midiáticas e biografias de celebridades”, Raphael Bispo tenta compreender o sucesso da dançarina Glória Maria da Silva – a Índia Potira ou Índia Poti, como era conhecida pelos fãs –, considerada a maior chacrete da década de 1970. Para

isso, o autor acompanhou a trajetória da dançarina através de diversas matérias jornalísticas. Bispo mostra que, a despeito de outras dançarinas caírem no esquecimento, Índia Potira manteve-se na mídia ao ser associada como símbolo de uma beleza “tipicamente brasileira”, “exótica”, “um jeito de índia”. Indo ao encontro do forte apelo nacionalista da época, sendo tecida “no cruzamento exitoso de gênero, cor, sexualidade e nacionalidade” (:247), numa mistura entre vida profissional – a dançarina “boazuda” – e intimidade – a mãe dedicada –, Índia Potira teve sua biografia entrelaçada à imagem do Brasil, como um “emblema de seu povo”.

Christiano Key Tambascia – em “Para além das vidas de Nimuendaju: constituição de narrativas da história da antropologia” – também parte de uma biografia para mapear o emaranhado de relações que constitui a vida de um dos antropólogos brasileiros mais celebrados, mostrando como a carreira de Nimuendaju é “uma porta de entrada privilegiada para se pensar o desenvolvimento da antropologia brasileira” (:158). Entrelaçando publicações que buscam interpretar a morte do antropólogo e comentários sobre as apreciações de sua obra, numa pesquisa nos arquivos do Museu Paraense Emílio Goeldi, instituição para a qual Nimuendaju trabalhou, Tambascia revela uma via de mão dupla entre indivíduo e campo acadêmico: ao mesmo tempo em que a posição de Nimuendaju marca uma posição da Antropologia brasileira de compromisso ético entre pesquisador e pesquisado, o contexto institucional do antropólogo permite revisitar sua obra, trazendo à tona novas questões e contribuições.

Nesse entrelaçar de vida e obra, biografia e etnografia vão se compondo mutuamente. Iracema Dulley – em “Imbricamentos entre etnografia e biografia: um estudo sobre Roy Wagner” – mostra como os principais conceitos wagnerianos surgiram na/da interação com os grupos com os quais conviveu. Além disso, a autora descreve algumas cenas em que interagiu com Wagner, conta-nos sobre o próprio processo de pesquisa e como a obra dele foi recebida no Brasil – entrada essa que Dulley contribuiu ao traduzir parte dela –, mostrando como essas situações ajudaram-na a compreender o autor, numa sobreposição dupla entre biografia-etnografia, tanto no que se refere a Wagner com os grupos estudados quanto a Dulley em relação a Wagner. A alteridade enquanto gestoêmico perpassa todo o fazer antropológico: não é possível separar teoria e texto da experiência em campo.

A relação entre conceito e experiência, obra e vida, também é a marca do texto de Júlia Vilaça Goyatá – em “Escrita de si, escrita do mundo: Michel Leiris e a experiência sagrada”. Vistas como atividades simultâneas e reflexos uma da outra, a autobiografia e a teoria social do antropólogo e escritor francês mostram como o sagrado, tão importante na obra do autor, é tanto conceito quanto experiência vivida. Ao narrar a história de si, o autor vive e investiga o sagrado,

fazendo das memórias pessoais ilustração e construção do conceito. A maneira como Leiris vive o sagrado se revela na maneira como ele a teoriza: é, assim, tanto objeto de pesquisa quanto perspectiva sobre a própria sociedade e si mesmo. Contar a própria vida se torna investigação epistemológica, numa relação incessante entre o “eu” e o mundo.

Longe de ser mero documento de uma vida que se quer completa, a biografia, ao selecionar e compor experiências, afetos, cenas, é um modo de conhecimento, uma possibilidade de inventar e traçar trajetórias, conceitos e carreiras. Wilton C. L. Silva – em “Entre negócios, ócios e domingos: a ego-história de Boris Fausto” – mostra como a autobiografia do autor estudado revela uma maneira de pensar o próprio *métier* do historiador. Ao incorporar incoerências, instabilidades e subjetividade na escrita, tanto na escolha do modo de narrar quanto no que narrar, Fausto estaria convidando a historiografia a fazer o mesmo, como parte de um projeto epistemológico mais amplo. Afastando possíveis dicotomias como realidade e ficção, Wilton Silva discute como o falar de si tensiona os paradigmas clássicos da historiografia, como a pretensão de objetividade, distanciamento e cientificismo.

Nessa sobreposição entre objeto, método e questão, na qual não é possível separar forma e conteúdo, campo e escrita, Carolina Cantarino Rodrigues põe a antropologia para dançar – em ““Ninguém canta para ninguém”: papel da canção, canção de papel”. Ao se perguntar como escrever sobre música sem cair na historiografia e nas biografias dos compositores, a autora propõe que, ao invés da escrita conter o movimento da canção, seja arrastada por ele. Uma escrita contagiada pela música é uma escrita que experimenta, improvisa, inventa, uma escrita devir música, com linhas de errância, fissuras, pausas, interlúdios, fragmentos. Haveria uma equivalência entre o *remix*, na música, e a montagem, na escrita, como tentativas de levar a linguagem para além da sintaxe e da representação – uma fuga da linguagem. Para compor o argumento, a autora traz à tona músicos como Romulo Fróes, Nuno Ramos e Domenico Lancellotti, os quais estariam fazendo experiências com as letras para ir contra o sentido: são “canções-neblina”, nas quais o ouvinte é pego pela estranheza e não porque as letras são fáceis.

No descompasso entre ver e contar, a escrita se reinventa, abre-se às fendas, aos sopros, às vertigens da vida. Cristina Maria da Silva, em “Antropologias nas cidades em grafias literárias”, traz a relação entre etnografia e biografia a partir de experiências e narrativas de escritores na cidade, os quais, entrelaçando vida e obra, questionam os cânones literários com textos que revelam os rastros, as fragilidades e os conflitos da urbanidade. Tomando como referência a literatura brasileira contemporânea – passando por escritores como Luiz Ruffato, João Gilberto Noll, Fernando Bonassi, Barbardo Carvalho, Joca Reiners Terron, Férrez

e Marcelino Freire –, o artigo convida-nos a relacionar antropologia e literatura: escritor e antropólogo são andarilhos a procura de cenas, pessoas, vestígios, abrindo-se para múltiplas vozes.

Para Rafael Estrada Mejía, em “Etnografia, cartografia e devir: potencialidades da escritura nas pesquisas antropológicas contemporâneas”, o etnógrafo se aproxima do cartógrafo: ambos acompanham processos, habitam territórios, convivem com os sujeitos de pesquisa, estando vulneráveis à alteridade. Tomando a grafia como devir e não como representação, o autor propõe que a escrita antropológica possa se abrir para os vazios, os interstícios, as fendas para ouvir o indizível e ver o invisível. Apesar de ser a favor de suspender o suposto da centralidade da escritura no fazer antropológico, o autor reconhece a sua potência, trazendo a crítica pós-moderna numa tentativa de pensar como incorporar, de fato, a polifonia no texto – este pensado na relação com a experiência em campo.

Como contar diz muito sobre o que se viu e ouviu. Hugo Ciavatta – em “Não mais somente na rua: autobiografia e relatos biográficos de Esmeralda Ortiz como exercício etnográfico em São Paulo” – usa diferentes grafias para percorrer a trajetória da ex-usuária de crack que deixou a rua e se tornou educadora e autora. A partir de documentário, autobiografia, conversas e andanças por ruas, rodas de samba, reuniões dos Narcóticos Anônimos (NA), aulas na Fundação CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente), o autor revela como a trajetória pessoal e a história da cidade, as instituições e as pessoas com os quais interagiu, estão conectadas, em um vai e vem de espaços, experiências e memórias. Fazendo uso de uma narrativa espiralar – Esmeralda nos é apresentada a partir da descrição de uma cena etnográfica recente –, Ciavatta mescla as recordações da pesquisada e as notas de campo do pesquisador e conta-nos impasses desse encontro, como o silêncio de Esmeralda sobre sua vida pregressa.

Se os marubo têm o pensamento desenhado (Cesarino, 2011), como fazer uma escrita desenhada, uma escrita-desenho? A escrita como cartografia é o trajeto de Cristiane Santos Souza – em “Entre relatos de vida, fotografias e cartografias: uma etnografia em diferentes proximidades”. Na tentativa de refletir sobre trajetórias de migrantes saídos do interior da Bahia para Salvador, entre os anos de 1940-1970, Souza nos apresenta a história de dona Elizete e sua família, numa composição entre relatos de vida – alguns aparecem no texto em forma de diálogos –, fotografias, tanto produzidas pela autora quanto de acervos fotográficos de instituições públicas, e mapas dos lugares por onde passaram, criados ao longo da pesquisa de campo. A preocupação da autora é a de como dar a mesma importância a materiais tão diferentes, não correndo o risco das fotografias e dos mapas serem meras ilustrações do que foi ouvido e visto.

E quando a fotografia é “só” o que se tem? Alexandre Araujo Bispo – em “Fotografia como resíduo biográfico: memória familiar, cultura urbana e socia-

1 Para uma discussão sobre como a escrita se separou de desenho, ver Ingold (2007).

bilidade (1920-1960)” –, ao comprar uma coleção de fotografias no Antiquário Brasil Antigo, no centro de São Paulo, notou a figura reincidente de uma mulher, Cleonice Maria Heine. Perseguindo os rastros e os restos materiais das fotografias – tipos de papéis, formatos, revelações, dimensões e embalagens, carimbos de origem comercial e algumas anotações, como datas e lugares –, numa abordagem indiciária na qual tudo se mostra significativo, o autor se propôs a imaginar quem era aquela mulher e o que aquelas imagens poderiam nos dizer sobre a cidade de São Paulo naquela época. Mesmo admitindo, em alguns momentos, que “não se possa afirmar nada” (:392), Bispo sustenta que a coleção de fotografias encontradas tem uma trajetória biográfica, convidando-nos a pensar sobre que tipo de conhecimento pode dar lugar a imagem.

Se a imagem é um convite à imaginação, Ana Lúcia Modesto – em “*Edifício Master: o documentário e a experiência de vida na metrópole*” – propõe uma aproximação da antropologia com o cinema, vendo no documentário uma forma de se fazer etnografia – ou, ao menos, de contribuir com ela ao trazer nuances, como tons de voz e gestos que poderiam passar por invisíveis, operando, com isso, uma abertura do campo do visível e da percepção. Ao percorrer as tomadas de cenas, os estilos narrativos, as pausas, os sons, as cores, os cortes, a autora busca compreender a boa recepção pelo público do filme de Eduardo Coutinho, apresentando uma reflexão sobre o uso do documentário como levantamento de histórias de vida numa pesquisa antropológica.

A diversidade de temas, usos e escolhas da relação entre etnografia e biografia aproxima a antropologia de áreas como literatura, cartografia, música, cinema. Se a biografia é uma montagem, a etnografia também o é. Ao transbordar uma vida, a biografia nos convida a pensar na escrita como uma relação indissociável entre afetos e fatos, experiência e narrativa, sendo, a partir disso, tanto um bom objeto e método quanto uma boa questão para a pesquisa antropológica ao nos convidar a ver a etnografia também como sobreposição. Na tentativa de reunir uma coleção de fragmentos, cenas, afetos, fios, sobras, vislumbres que compõem uma vida – e uma pesquisa –, documentários, edifícios, ruas, blogs, silêncios, mal-entendidos, autos, laudos, fotografias, encontros, mapas também contam.

Se os autores parecem escorregar na definição e no uso da etnografia – ora como método e pesquisa de campo, às vezes como escrita, em outras, de maneira mais produtiva, como relação entre essas dimensões –, talvez seja porque etnografia é um conceito escorregadio. O ponto alto do livro é ser experimental, com textos em processo, não acabados, revelando-nos um pensamento em movimento, com rasuras, impasses, sugestões, tropeços.² Se a vida é imponderável, cabe à escrita mostrar esse movimento oscilante, ondular. Como fazer aparecer, na escrita, os buracos, sopros, assombros, sobras, improvisos, brilhos e sombras de uma vida?

2 O livro é resultado de um grupo de trabalho sobre o tema “Etnografia e biografia na antropologia: experiências com as diversas ‘grafias’ sobre a vida social”, organizado por Suely Kofes e Daniela Manica e apresentado na 28ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia.

Pois os autores lançaram-se aos skates e abismos. Sentiram a vertigem do desafio de abrir a antropologia para outras grafias e, nesse movimento, o ver e o contar também precisaram se abrir. Sendo a proposta embaralhar contornos definidos, os autores buscaram interpenetrar imagens, palavras, coisas, cores, sons, vozes para dar vida às grafias e grafias à vida, num exercício de ver o invisível, o submerso, o indefinido – e, com isso, narrar de outro modo. Mais que códigos a serem decifrados, grafias e vidas se tornam linhas que se sobrepõem e se esgarçam numa trama de fios, em um processo contínuo de enlaçar e desmanchar, conter e transbordar.

Daniela Feriani é doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas e pesquisadora do Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem (LA'GRIMA / Unicamp).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CESARINO, Pedro de Niemeyer

2011 *Oniska: poética do xamanismo na Amazônia*. São Paulo, Perspectivas.

DELEUZE, Gilles

1992 *Conversações*. São Paulo, Ed. 34.

INGOLD, Tim

2007 *Lines: A Brief History*. Estados Unidos e Canadá, Routledge.

TAUSSIG, Michael

2011 *I Swear I Saw This: Drawings in Fieldwork Notebooks, Namely My Own*. Chicago, Univ. Press.